

PAULO MENDES CAMPOS

Diário da Tarde

Posfácio
Leandro Sarmatz



Copyright do texto © 2014 by Joan A. Mendes Campos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagen da capa

Acervo Paulo Mendes Campos/ Instituto Moreira Salles

Foto do autor

Iugo Koyama/ Abril Comunicações S/A

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Isabel Jorge Cury

Luciane Helena Gomide

Apoio de pesquisa

Instituto Moreira Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Campos, Paulo Mendes, 1922-1991

Diário da Tarde/ Paulo Mendes Campos ; posfácio Leandro Sarmatz. — 1^a ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2296-7

1. Crônicas brasileiras i. Sarmatz, Leandro ii. Título.

14-03442

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira

869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1

- Artigo Indefinido: O Cântico dos Cânticos, 19
- O Gol é Necessário: O Gol é Necessário, 31
- Poeta do Dia: Christian Morgenstern: Primeira Neve, 33
- Bar do Ponto: Trem de Ferro, 34
- Pipiripau: O Indispensável, 35
- Grafite: Anfigúrico, 35
- Suplemento Infantil: De Manhã: R. L. Stevenson, 36
- Coriscos: Coriscos no Acaba Mundo, 36

2

- Artigo Indefinido: Amigos Implacáveis, 39
- O Gol é Necessário: Botafogo dos Botafogos, 40
- Poeta do Dia: Langston Hughes: O Negro, 42
- Bar do Ponto: Procissão do Desencontro, 43

- Pipiripau: Duplex, 43
Grafite: Sol e Sombra, 43
Suplemento Infantil: Matemática, 44
Coriscos: Coriscos na Serra, 44

3

- Artigo Indefinido: Walt Whitman, 49
O Gol é Necessário: Didi, Coisa Mental, 55
Poeta do Dia: Philip Larkin: Decepções, 57
Bar do Ponto: Vasto Hospital, 58
Pipiripau: Endereço, 59
Grafite: Distinguo, 59
Suplemento Infantil: Retardado, 60
Coriscos: Coriscos na Lagoinha, 60

4

- Artigo Indefinido: *Orlando* de Virginia Woolf, 65
O Gol é Necessário: Copa 1958, 75
Poeta do Dia: Paul Verlaine: Walcourt, 77
Bar do Ponto: Shelley Prosador, 78
Pipiripau: Mineiros no Rio, 78
Grafite: Terror e Extase, 79
Suplemento Infantil: Um Perfil por Montúfar, 80
Coriscos: Coriscos na Floresta, 80

5

- Artigo Indefinido: Saint-Simon, 83

- O Gol é Necessário: Garrincha, 92
Poeta do Dia: Dylan Thomas: Depois do Enterro, 95
Bar do Ponto: Idades da Palavra, 97
Pipiripau: Antilivro, 97
Grafite: Nossa Homérica Pelada, 98
Suplemento Infantil: Belloc em Dezembro, 98
Coriscos: Coriscos no Bairro dos Funcionários, 99

6

- Artigo Indefinido: Fernando Pessoa, 103
O Gol é Necessário: Sorte, 105
Poeta do Dia: Giovanni Pascoli: Último Sonho, 105
Bar do Ponto: Beco, 106
Pipiripau: Mercado de Virtudes, 107
Grafite: Modernete Moral Fora de Moda, 107
Suplemento Infantil: Dilúvio: Chesterton, 108
Coriscos: Coriscos na Floresta, 108

7

- Artigo Indefinido: Contradições de Mark Twain, 111
O Gol é Necessário: Vai da Valsa, 115
Poeta do Dia: Paul Éluard: A Amorosa, 119
Bar do Ponto: Bomba e Poluição, 119
Pipiripau: Arte da História, 120
Grafite: Revolução Espiritual, 120
Suplemento Infantil: Menino Levado (Keats), 121
Coriscos: Coriscos na Serra, 126

- Artigo Indefinido: Ele e Ela, 129
O Gol é Necessário: Na Década de 50, 133
Poeta do Dia: T. S. Eliot: O Hipopótamo, 134
Bar do Ponto: Andantino, 135
Pipiripau: Rus in Urbe, 136
Grafite: Grifo, 136
Suplemento Infantil: A Educação Sentimental, 137
Coriscos: Coriscos no Bairro dos Funcionários, 137

- Artigo Indefinido: John dos Passos, 141
O Gol é Necessário: Passes de Letra, 143
Poeta do Dia: Pedro Salinas: Erro de Cálculo, 145
Bar do Ponto: Linhas Tortas, 151
Pipiripau: Madre é a Mãe, 151
Grafite: Bem Feito!, 152
Suplemento Infantil: Para um Menino Felino, 152
Coriscos: Coriscos na Lagoinha, 153

- Artigo Indefinido: Coração das Trevas, 157
O Gol é Necessário: O Inglês, 166
Poeta do Dia: Horace Gregory: Lápide com Querubim, 168
Bar do Ponto: Memórias de Elefantes, 169
Pipiripau: Era uma vez um nariz, 170
Grafite: Contre-Fugue, 170

Suplemento Infantil: Anônimo, 171
Coriscos: Coriscos no Acaba Mundo, 171

11

Artigo Indefinido: Morte Contemporânea, 175
O Gol é Necessário: 13 Maneiras de Ver um Canário, 179
Poeta do Dia: Wallace Stevens: Dominação do Negro, 183
Bar do Ponto: Ab Ovo, 184
Pipiripau: Password in Heaven, 185
Grafite: Bilhetes Trocados, 185
Suplemento Infantil: O Instrumento é Necessário, 186
Coriscos: Coriscos na Serra, 187

12

Artigo Indefinido: Cinema Homérico, 191
O Gol é Necessário: Adoradores da Bola, 194
Poeta do Dia: Jorge Luis Borges: Le Regret d'Héraclite, 197
Bar do Ponto: Inverno com Tudo, 197
Pipiripau: Operários: Hora da Marmita, 198
Grafite: Amnésia, 198
Suplemento Infantil: Apollinaire, 199
Coriscos: Coriscos no Acaba Mundo, 199

13

Artigo Indefinido: O Poeta que se Foi, 203
O Gol é Necessário: O Tempo Passa!, 205

Poeta do Dia: Emily Dickinson: Poema, 208
Bar do Ponto: O Penúltimo, 209
Pipiripau: Noël, 210
Grafite: Sonoroso, 210
Suplemento Infantil: C. S. Lewis, 211
Coriscos: Coriscos no Parque, 211

14

Artigo Indefinido: Uma Túnica de Várias Cores, 215
O Gol é Necessário: Círculo Vicioso - 1959, 225
Poeta do Dia: e. e. cummings: Onde Jamais Viajei, 225
Bar do Ponto: Cadê, 226
Pipiripau: Antropo Lógico, 227
Grafite: Fatum, 228
Suplemento Infantil: Salada Japonesa, 228
Coriscos: Coriscos no Parque, 228

15

Artigo Indefinido: García Lorca, 233
O Gol é Necessário: Nostalgia, 241
Poeta do Dia: Juan Ramón Jiménez: Música, 242
Bar do Ponto: Milho e Cachaça, 243
Pipiripau: Rosa e JK, 244
Grafite: Bar Calypso, 244
Suplemento Infantil: Oriental, 245
Coriscos: Coriscos no Parque, 245

16

- Artigo Indefinido: Pedro Nava, 249
O Gol é Necessário: Copa 1974, 254
Poeta do Dia: García Lorca: De “Mariana Pineda”, 258
Bar do Ponto: Casa Mineira, 260
Pipiripau: Nomes de Países Onde as Aves se Entendem, 261
Grafite: Chão de Estrelas, 261
Suplemento Infantil: Tríduo de Partido-Alto, 262
Coriscos: Coriscos no Acaba Mundo, 262

17

- Artigo Indefinido: Juan Ramón Jiménez e a Vila, 265
O Gol é Necessário: Bate-Pronto, 274
Poeta do Dia: Eugenio Montale: Descanso ao Meio-Dia, 275
Bar do Ponto: Moça Bonita, 276
Pipiripau: O Herói, 276
Grafite: Atento Sou, 277
Suplemento Infantil: Oriental, 277
Coriscos: Coriscos no Bairro dos Funcionários, 278

18

- Artigo Indefinido: Um Poeta-Fazendeiro, 281
O Gol é Necessário: Acidente em Belô, 284
Poeta do Dia: Alfonsina Storni: Dor, 285
Bar do Ponto: Quá!, 287
Pipiripau: Vive le Roi!, 287
Grafite: Provérbio do Purgatório, 288

Suplemento Infantil: Haicai, 288
Coriscos: Coriscos na Floresta, 288

19

Artigo Indefinido: Festival da Canção, 293
O Gol é Necessário: Pok-Tai-Pok, 296
Poeta do Dia: Stephen Spender: Pesquisa Espiritual, 297
Bar do Ponto: Brasil Avenida, 298
Pipiripau: Blues, 299
Grafite: Bleu Blanc Rouge, 300
Suplemento Infantil: Bandeira 2, 302
Coriscos: Coriscos no Bairro dos Funcionários, 303

20

Artigo Indefinido: Bernard Shaw, 307
O Gol é Necessário: Descanso de Futebol, 309
Poeta do Dia: W. H. Auden: Balada de uma Donzela, 311
Bar do Ponto: Sturm und Drang, 315
Pipiripau: Réplica para Sérgio Corazzini, 315
Grafite: Cantiga de Nibelungo, 316
Suplemento Infantil: Profissão: Menino, 319
Coriscos: Coriscos no Parque, 319

Posfácio — Leandro Sarmatz, 321

1

Artigo Indefinido
O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O Gol é Necessário
O GOL É NECESSÁRIO

Poeta do Dia
MORGENSTERN: PRIMEIRA NEVE

Bar do Ponto
TREM DE FERRO

Pipiripau
O INDISPENSÁVEL

Grafite
ANFIGÚRICO

Suplemento Infantil
DE MANHÃ: STEVENSON

Coriscos
CORISCOS NO ACABA MUNDO

ARTIGO INDEFINIDO

O Cântico dos Cânticos

Por sorte da herança literária, em tempos remotos o Cântico dos Cânticos foi atribuído a Salomão, tendo ingressado no Antigo Testamento, não sem relutância dos canonistas.

Os judeus, que leem o Cântico dos Cânticos na sinagoga durante a Páscoa, interpretam-no como alegoria entre as relações de Jeová com a terra de Israel: a comunidade é uma bela jovem amada pelo Senhor; ela deve percorrer os caminhos certos, de acordo com os ensinamentos dos pastores e guias das gerações, ensinando aos filhos, comparados a filhotes de cabras, as portas da sinagoga e da escola.

Os cristãos exigem ainda mais do contraponto alegórico: o noivo do poema é o Cristo, a noiva é a Igreja, Corpo Místico, ou a alma do crente; a irmã sem peitos representaria os Gentios.

Durante os primeiros séculos, os eruditos viram no poema um auto dramático com quatro figuras parlantes: o noivo, a noiva e os grupos acompanhantes respectivos.

Quatrocentos anos d.C. surgiu a primeira tentativa de visão secular: o Cântico seria uma explosão lírica de Salomão, em defesa de uma princesa egípcia com a qual se casou, para contrariedade do povo, por ser ela de cor escura. O autor da teoria foi anatematizado.

No século XVIII, o poeta Herder teve um estalo: o opúsculo seria uma coletânea de canções de amor independentes. A crítica do século seguinte, no entanto, retornaria à interpretação da estrutura do livro como ato dramático. A heroína seria uma camponesa do harém de Salomão; ela manifesta às damas da corte sua paixão por um pastor de ovelhas, e sua constância de sentimento acaba lhe valendo a liberdade e o fim-feliz. Essa teoria tem buracos graves nos quais o leitor cairá se não usar as asas da imaginação.

Em 1873, um cônsul prussiano em Damasco revelava o resultado de uma fina intuição antropológica: observando costumes matrimoniais dos camponeses sírios, deduziu que o Cântico dos Cânticos seria, substancialmente, uma coleção de cantigas cantadas originalmente nesses festejos. Admitida a autenticidade do paralelismo, a interpretação de Wetstein — era o nome do cônsul — é luminosa e, como sempre, parece espantoso que ninguém tivesse chegado antes a essa conclusão. Os eruditos não demoraram muito a prestigiá-la, nos últimos anos do século passado. A própria Encyclopédia Britânica mudou sua opinião externada há cem anos, adotando o juízo crítico que se formou a partir das observações de Wetstein, que ela resume: durante os sete primeiros dias de casamento dos camponeses sírios, o noivo faz-se de rei e a noiva de rainha, e assim são obsequiados pela comunidade; os casamentos

se realizam quase sempre em março, o mais belo mês na Síria, quando findam as chuvas de inverno e a vegetação rebenta. Noivo e noiva acordam reis no primeiro dia, antes de nascer o sol; nos outros dias as festividades começam à tarde e se prolongam até a noite, à luz de archotes e fogueiras. Um dos padrinhos do noivo canta canções de guerra e de amor. O casal senta-se ao trono, trazido pelos homens, assistindo a uma grande dança, com acompanhamento de canções, nas quais se celebram as perfeições físicas dos nubentes. O noivo é descrito da cabeça aos pés; a noiva, dos pés à cabeça. Outro ponto é a dança de espada do noivo. Os nomes de Salomão e da Sulamita seriam justificados como referências figurativas ao rei hebreu e a Abisague, a Sulamita do Livro dos Reis, “a mais bela entre as mulheres”, a mesma que aqueceu no leito a velhice do rei Davi, e que passou, de pai para filho, ao harém de Salomão.

Os exames posteriores nessa linha de interpretação mostram semelhanças essenciais entre o Cântico e as canções sírias: semelhanças de imagens; as mesmas referências às “filhas de Jerusalém”; indicações iguais de que a mesma pessoa fala de lugares diferentes; repetições de palavras e frases, sobretudo nos refrões.

O Cântico dos Cânticos teve provavelmente assentada sua redação atual no período grego, isto é, depois de 332 a.C. A teoria é geralmente aceita, mas é claro que os eruditos e os inventivos não vão largar um prato como esse. Um deles tentou, há cinquenta anos, uma aproximação engenhosa com as canções do culto de Tammuz-Ishtar, cantadas em Jerusalém no tempo de Manassés. Robert Graves prefere ver nessa cantiga erótica os amores de um Dionísio (dos primitivos quenitas de Israel) por sua irmã gêmea, a noiva de Maio. Aliás, o mesmo autor, catando filologias tresmaliadas, tenta convencer-se de que as “pequenas raposas” não passavam de Amanita muscaria, uma espécie psicodélica de cogumelos. O certo é que os olhos do cônsul abriram os nossos: tudo fica

mais nítido no Cântico quando se tem em mente uma cantiga de esponsais, um bailado dramático, a exemplo de tantos que, acrescentados e modificados, existem ainda hoje no Brasil e em outros países. Um bailado nosso, por sinal, evoca uma rainha de Angola morta no século XVII — e por aí já avaliamos que tempos vertiginosos sopram no moveúdo terreiro folclórico.

O Cântico dos Cânticos, portanto, é uma sequência de amor humano. Certo. Contudo, nem assim precisamos, ou devemos, abrir mão das margens de conotação mística; podemos aceitar com simplicidade o ponto de vista de um santo medieval, que enxergou no falso canto salomônico uma aspiração da alma para Deus, além da lei e da razão.

Com um antropologista moderno, Joseph Campbell, podemos aprender que o excruciente conflito entre a razão e a paixão foi uma fonte de ansiedade cristã, desde o princípio. Por último, podemos nos socorrer da agilidade de Mário de Andrade, quando, escrevendo sobre outro tema, aponta a permanência do elemento místico das danças dramáticas populares, dizendo que até cantos de trabalhos, tão logicamente explicáveis por si mesmos, se mesclam de misticismo. No caso do Cântico, o próprio Bossuet admitia as duas visões, a profana e a mística. Além disso, e é estranho que ninguém se agarre nisso, o próprio texto do Cântico aproxima literalmente os clarões do amor humano com as chamas do amor divino.

Traduzir o Cântico dos Cânticos sem infraestrutura e sem instrumentos de voo, sem saber patavína do original, é uma sandice. Mas é também um fascinante quebra-cabeça: para quem enxerga, o labirinto é aterrador, mas, para o cego, tudo neste mundo é labirinto. É o nosso caso. Assim, fomos em frente, lembrando-nos das noites numerosas que passamos em quartos de hotel na companhia da Sulamita, ela à espera sempre na cabeceira, em línguas,

vestidos e conteúdos diversos, mas que nos pareciam sempre agradáveis: e, em nossa santa ignorância, mais ou menos fiéis.

Agora sabemos que não há nada mais incerto do que uma tradução do Cântico: trata-se de uma semiologia que perdemos, que os tradutores torturaram, que os exegetas violaram. Mas o prestígio emocional dessas imagens é tão arrebatadamente forte que elas suportam as erosões hermenêuticas, as falsificações pudentes, as idiossincrasias dos literatos, o pedantismo culto dos eclesiásticos; e talvez a nossa cegueira. Partimos da comparação de várias traduções para uns poucos idiomas. Razão tem quem falou isto ou coisa parecida: a Bíblia nasceu para a língua inglesa. E, Deus do céu, como é fluida e distante do concreto e enrolada a linguagem poética dos eruditos portugueses! E como são empêdenidamente lógicos — sobretudo diante de um texto mágico — os sábios da França! Por fim, talvez seja útil à compreensão do poema saber pelo menos umas coisinhas: a mandrágora é uma planta (parente da batata) que serviu na Antiguidade como emético, como narcótico (antecipou o clorofórmio nas cirurgias), como afrodisíaco e como auxiliar da fertilidade feminina; o Senir (ou Hermom), a mais alta montanha da Síria, inspirou muitas imagens a poetas hebreus; o cálamo fornece um óleo aromático; o nardo é um unguento perfumado, de alto preço, originário da Índia; o que preferi traduzir por “flores alvas da Pérsia” é uma planta chamada hena, cujas folhas eram usadas na fabricação de cosméticos e de tintas para pintar unhas, cabelos e até barbas; Gileade, na base do Senir, era um território cheio de carvalhos, pinheiros e ricas pastagens, entre o Jordão e o deserto.

Para facilitar a leitura, seguimos o esquema dramático da King James Version, eliminando a divisão de cenas.

Sulamita — Beije-me ele os beijos de sua boca: Pois teu amor

é melhor do que o vinho. Teus óleos são de boa fragrância. Teu nome é um óleo que se entorna; por isso as donzelas te amam.

Filhas de Jerusalém — Leva-me contigo, vamos sofrer.

Sulamita — O rei me fez entrar nos seus aposentos.

Filhas — Por ti nos alegraremos, sabendo que teu amor é melhor do que o vinho. Mereces ser amada.

Sulamita — Sou trigueira, mas bonita, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como os pavilhões de Salomão. Não olheis para o eu ser morena, porque o sol me tisnou. Brigaram comigo os filhos de minha mãe: puseram-me de vigia nas vinhas, eu que não vigiei a minha própria vinha. Conta-me, amado de minha alma, onde te recostas pelo meio-dia, quando repousas teu rebanho, para que não me ponha a andar como perdida entre os rebanhos dos teus companheiros.

Salomão — Se não o sabes, ó mais bela entre as mulheres, segue as pegadas do rebanho e leva as tuas crias para perto das cabanas dos pastores. Eu te comparei, minha amiga, a uma égua atrelada ao carro do faraó. Lindo é o teu rosto entre as tranças, é o teu pescoço num colar de joias. Nós te faremos argolas de ouro e prata.

Sulamita — Estava o rei à mesa quando o perfume do meu nardo se fez sentir. Meu amado é para mim um feixe de mirra, que vai dormir entre os meus seios. Meu amado é para mim um ramo de flores alvas da Pérsia nas vinhas de Engadi.

Salomão — Vê como és bonita, amiga minha, como és bonita! Pombas são os teus olhos.

Sulamita — Vê como és bonito, amado meu, como és bom! E é verde também a nossa cama. De cedro são as vigas de nossa casa, e os nossos caibros são de abeto.

Sulamita — Sou uma flor da praia, uma açucena do vale.

Salomão — Como açucena entre espinheiros é minha amiga entre as moças.

Sulamita — *Como macieira entre as árvores da mata é meu amado entre os moços. Tanto tempo desejei sentar-me à sua sombra, e seu fruto era doce à minha boca. Ele me fez entrar na sala do vinho, e seu estandarte sobre mim era o amor. Sua mão esquerda me segura a cabeça, e a direita me abraça. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pela fêmea da gazela e pela corça do campo, que não tenteis despertar meu amor, até que se desperte por si. Ouço a voz do meu amado. Ei-lo que vem grimpando pelas montanhas, saltando sobre as colinas. Ei-lo aí a espiar pelas janelas, a espreitar pelas treliças. Disse o meu amado: “Levanta-te, minha bela, amiga minha, e vem. O inverno acabou, já se foram as chuvas: surgiram as flores e já se ouviu a voz da rola em nossa terra. Os figos começam a madurar, a vinha em flor exala seu aroma. Levanta-te, minha bela, amiga minha, e vem. Pomba minha, aninhada nas fendas da pedra, abrigada nas escarpas, mostra-me o teu semblante, quero ouvir a tua voz; pois doce é tua voz, e lindo é teu semblante”.*

Irmãos — *Pega as raposas, as pequeninas raposas que estragam as vinhas, porque nossa vinha já deu flor.*

Sulamita — *Meu amado é meu, e dele eu sou, ele que pastoreia entre açucenas. Quando soprar a aragem do dia e as sombras se inclinarem, volta, meu amor, como cabrito montês ou cervo novo, volta pelas montanhas escarpadas.*

Busquei de noite na cama o amado de minha alma. Busquei, mas não o achei. Disse para mim mesma: Vou levantar-me e rodar a cidade, vou procurar pelas ruas e pelas praças o amado de minha alma. Busquei, e não o achei. Acharam-me os guardas que rondam a cidade, e eu lhes disse: “Vistes porventura aquele que a minha alma ama?”. Mal me adiantara deles poucos passos, achei o amado de minha alma. Segurei-o e não mais o larguei, até que o fiz entrar na casa de minha mãe, e o levei para o quarto de quem me concebeu. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pela fêmea da

gazela e pela corça do campo, que não tenteis despertar meu amor, até que se desperte por si.

Filhas — *Que é aquilo que vem subindo do deserto como coluna de fumo de mirra e incenso e dos talcos perfumados dos mercadores? Eis que é a liteira de Salomão, rodeada por sessenta homens valorosos de Israel. Peritos na guerra, estão todos armados, com suas espadas pendentes das coxas, por causa dos terrores da noite. O rei Salomão fez para si um palanquim de madeira do Líbano; fez-lhe as colunas de prata, o recosto de ouro, o assento de púrpura; o interior foi amorosamente arrumado pelas filhas de Jerusalém. Saí para ver, ó filhas de Sião, o rei Salomão com a grinalda que a mãe lhe teceu no dia de seu casamento, no dia da alegria de seu coração.*

Salomão — *Vê como és bonita, minha amiga, como és bonita! Teus olhos são pombas atrás do teu véu. Teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo os flancos de Gileade. Teus dentes são um rebanho de ovelhas saídas do banho, todas com gêmeos, e nenhuma é estéril. Teus lábios são um fio escarlate, e suave é tua boca. Romã partida são tuas faces atrás do véu. Teu pescoço é a torre de Davi, erguida para baluarte, e dela pendem mil escudos, as couraças dos homens de valor. Teus seios são crias gêmeas da gazela, a pastorear entre açucenas. Quando soprar a aragem do dia e as sombras se inclinarem, irei ao monte da mirra, à colina do incenso. És toda bonita, minha amiga, em ti não há defeito. Vem do Líbano, minha noiva, vem a mim: vem olhar do alto do Amaná, do cume do Sanir, do antro dos leões, das montanhas dos leopardos. Partiste meu coração, minha irmã, noiva minha, partiste meu coração com um só de teus olhos, com um só anel de teus cabelos. Como são bonitos os teus seios, minha irmã, noiva minha! São melhores do que o vinho. Melhor do que o bálsamo é a tua fragrância.*

Teus lábios, noiva minha, gotejam mel; o mel e o leite ficam

debaixo de tua língua; o aroma de teus vestidos é como o aroma do Líbano. Jardim fechado é minha irmã, minha noiva, jardim fechado, fonte selada; é um bosque de româzeiras, com frutos preciosos, as flores alvas da Pérsia, os nardos, o açafrão, o cálamo, o cínamo, as plantas odorantes, a mirra, o aloé, as melhores balsâmicas. Fonte de jardim és, poço de águas vivas, arroio do Líbano.

Sulamita — Levanta-te, vento norte; vem, vento sul: varrei meu jardim para que se desatem os seus perfumes. Venha o meu amado ao seu jardim, para comer seus frutos preciosos.

Salomão — Entrei no meu jardim, minha irmã, noiva minha. Já colhi minha mirra, minhas ervas perfumadas. Comi meu favo de mel, bebi meu vinho e meu leite. Comei, amigos, bebei e embriagai-vos, queridos.

Sulamita — Durmo, e o coração vela. Essa é a voz do meu amado. Ele bate, dizendo: “Abre-me, minha irmã, amiga minha, pomba minha, imaculada minha: minha cabeça está coberta de orvalho e gotas da noite escorrem dos meus cabelos”. Já despi minha túnica: como irei vesti-la? Já lavei os meus pés: como irei sujá-los? Meu amado enfiou a mão pela fresta da porta; minhas entranhas ficaram alvoroçadas. Levantei-me para abrir ao meu amado, e de minhas mãos evolava mirra, e mirra líquida escorria de meus dedos nos punhos da tranca. Abri ao meu amado, mas ele já se afastara, fora-se embora. Busquei, e não o achei. Gritei, e não me respondeu. Acharam-me os guardas que rondam a cidade, me bateram, me machucaram; arrancaram minha manta os guardas da cidade. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém: se encontrardes meu amado, saiba ele que estou morrendo de amor.

Filhas — Por que seria teu amado mais que os outros amados, ó mais bela entre as mulheres? A quem chamas de amado entre os amados, para assim nos conjurar?

Sulamita — Meu amado é claro e corado, o melhor entre dez

mil. Sua cabeça é ouro puro. Seus cabelos ondulam como ramos de palmeira, e são pretos como o corvo. Seus olhos são pombos à beira d'água, lavados em leite, muito bem-postos. Suas faces são um canteiro de ervas balsâmicas. Seus lábios são lírios, e deles escorre a mirra. Suas mãos são de ouro torneado com enfeites preciosos. Seu ventre é trabalho de marfim guarnecido de safras. Suas pernas são colunas de mármore, plantadas em pedestais de ouro. Seu aspecto é como o Líbano, favorecido como o cedro. Suavíssima é sua boca. E todo ele é amorável. Este é o meu amado, este é o meu amigo, ó filhas de Jerusalém.

Filhas — Para onde foi o teu amado, ó mais bela entre as mulheres? Para onde se virou o teu amado? Iremos procurá-lo contigo.

Sulamita — Meu amado desceu para o seu jardim, para o canteiro de ervas perfumadas, para apascentar o rebanho, para colher açucenas. Meu amado é meu, e dele eu sou, daquele que pastoreia entre açucenas.

Salomão — És bela, amada minha, como Tirza, linda como Jerusalém, terrível como um exército em bandeiras. Afasta de mim os teus olhos, que eles me alarmam. Teus cabelos são um rebanho de cabras descendo pelos flancos de Gileade. Teus dentes são ovelhas saídas do banho, todas elas com gêmeos, e nenhuma é estéril. Româ partida são as tuas faces atrás do véu. São sessenta rainhas, oitenta concubinas, inúmeras donzelas. Uma só é a minha pomba, a minha perfeição, a preferida de quem a deu à luz. Viram-na as donzelas e a disseram felizada; viram-na as rainhas e concubinas, e a louvaram.

Filhas — Quem é esta que vem olhando de cima como aurora que se levanta, linda como a Lua, pura como o Sol, terrível como um exército em bandeiras?

Sulamita — Tinha eu descido para o jardim das nogueiras, para olhar as frutas do vale, para ver se a vinha tinha dado flor, se

as româzeiras tinham brotado. E aí, antes que desse por mim, meu coração de moça me levara para ver de perto um cortejo.

Filhas — Volta, volta, Sulamita; volta, volta, para que te contemplemos.

Sulamita — Por que olhar para a Sulamita como se fosse uma dança de guerra?

Salomão — Como são bonitos os teus pés nas sandálias, ó filha de príncipe! As juntas de tuas coxas são joias das mãos do artífice. Teu umbigo é taça redonda, a que não falta vinho. Teu ventre é monte de trigo rodeado de açucenas. Teus seios são crias gêmeas de gazela. Teu pescoço é a torre de marfim. Teus olhos são as piscinas de Hesebom, junto à porta Filha da Multidão. Teu nariz é a torre do Líbano, que olha para Damasco. Tua cabeça é o Monte Carmelo. São fios de púrpura os teus cabelos; o rei está preso nas tuas ondas. Como és bonita, como és boa, amada, na hora das delícias! Teu talhe lembra a palmeira, e teus seios são cachos de tâmaras. Tornem-se para mim os teus seios como cachos de uvas; torne-se teu hálito fragrância de maçã, e a tua boca como o melhor vinho, a escorrer suavemente dos lábios do adormecido.

Sulamita — Sou do meu amado, e é para comigo seu desejo. Vem, amado meu, vamos sair para o campo, vamos dormir na cabana, vamos acordar cedo para ver se a vinha brotou, se a flor se abriu, se a româzeira floriu. Lá te darei os meus seios. Já se percebe no ar o perfume da mandrágora. À nossa porta estão frutas excelentes, novas e antigas; que guardei para o meu amor. Quem me dera que fosses meu irmão, que tivesses mamado aos peitos de minha mãe: se te encontrasse lá fora, poderia te beijar, sem que ninguém se importasse. Quero te levar, vou te fazer entrar na casa de minha mãe, onde me ensinarás tudo. Vou te dar um vinho temperado, feito do sumo de minhas romãs. Sua mão esquerda me segura

a cabeça, a direita me abraça. Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que não tenteis despertar meu amor, até que se desperte por si.

Filhas — Quem é esta que sobe do deserto, reclinada em seu amado?

Salomão — Debaixo da macieira te desperto. Ali tua mãe esteve em dores contigo, ali te concebeu.

Sulamita — Põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço: porque o amor é forte como a morte. E a paixão é cruel como o inferno. São clarões de fogo seus clarões, a mesma chama do Senhor. Muitas águas não bastam para apagar o amor, nem as tormentas podem afogá-lo na correnteza. Se um homem desse todos os seus haveres em troca de amor, seria mesquinho, porque nada teria dado.

Irmãos — Temos uma irmã pequena, que ainda não tem peitos. Que faremos pela nossa irmã quando ela for conversada? Se for um muro, vamos construir sobre ela um torreão de prata; se for uma porta, vamos bloqueá-la com tábuas de cedro.

Sulamita — Sou um muro, e torres são os meus peitos: assim, diante de seus olhos, fui alguém que encontra a paz. Salomão tinha um vinhedo em Baal-Hamon e o arrendou; recebia de cada um mil moedas de prata. Pois diante de mim está o meu vinhedo, aquele que é meu: mil moedas para Salomão e duzentas para quem cuida de seus frutos.

Salomão — Ó tu, que vives no jardim, os amigos chegaram e querem ouvir a tua voz. Deixa-me ouvi-la.

Sulamita — Corre, meu amado, como cabrito montês ou cervo novo, corre pelos montes perfumados.